

A periferia esquerda do sintagma nominal do português brasileiro *The left periphery of the noun phrase in Brazilian Portuguese*

Resumo: Este artigo se insere nos estudos de perspectiva da cartografia da sintaxe, centrando a discussão no fenômeno da extração de constituintes para fora de DPs no Português Brasileiro (PB), enquanto um fenômeno que pode ser melhor acomodado assumindo uma estrutura de DP robusta em termos de categorias funcionais. O estudo busca ampliar para o PB a validação da postulação da projeção de uma categoria FP, como a projeção mais proeminente na estrutura nominal localizada acima de DP. A análise é centrada na extração de construções genitivas, as quais são assumidas como constituintes projetados em posição de especificadores, contra uma análise de adjunção para essas construções, como a apresentada em Avelar (2006). Com este estudo, pretende-se apresentar uma proposta em que a estrutura do sintagma nominal reflete a arquitetura do nível da sentença, como também permite uma estrutura de sintagma nominal mais homogênea entre diferentes línguas como o PB e o húngaro, por exemplo. O quadro teórico em que se desenvolvem a discussão e análise é o da gramática gerativa.

Palavras-chave: genitivos; extração; periferia do DP; português brasileiro.

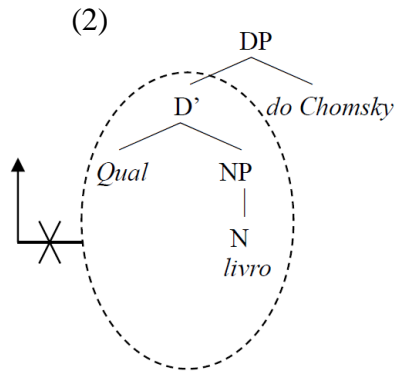
Abstract: This paper is part of the studies on the cartography of the DP structure, focusing the discussion on the phenomenon of the extraction of constituents out of DPs in Brazilian Portuguese (PB), a phenomenon that can be better accommodated assuming a robust DP structure in terms of functional categories. The study seeks to extend to PB the validation of the postulation of the projection of an FP category, as the most prominent projection in the nominal structure located above DP. The analysis is centered on the extraction of genitives, which are assumed as constituents projected as specifiers, against an adjunction analysis for these constructions, as presented in Avelar (2006). With this study, we intend to present a proposal in which the structure of the noun phrase reflects the sentence-level architecture, but also allows a more homogeneous noun phrase structure between different languages such as PB and Hungarian, for example. The theoretical framework in which discussion and analysis are developed is that of generative theory.

Keywords: genitives; extraction; periphery of DP; Brazilian Portuguese.

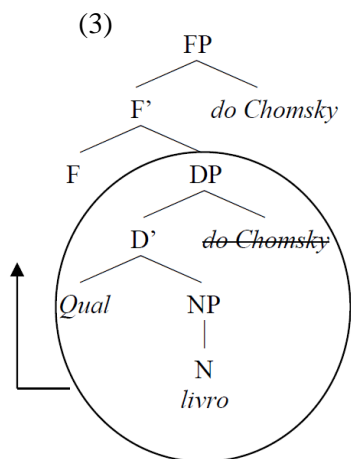
1 Introdução

O movimento do nominal modificado deixando o genitivo para trás, como em (1), ilustrado na configuração arbórea em (2), seria um movimento problemático para uma proposta na qual os genitivos são gerados – no caso do exemplo em (1), *do Chomsky* - dentro do DP, uma vez que tal movimento parece apontar para uma violação de constituição.

- (1) Qual livro (que) você leu [~~Qual livro~~ do Chomsky]?



A idéia básica a ser desenvolvida neste artigo é a de que em vez de um movimento como (2), impossível de ser realizado no modelo de gramática aqui adotado, a derivação de construções como aquela em (1) pode ser capturada como mostra (3):



Como mostra (3), no caso em que um “constituente parcial” é movido para o início da sentença, como em (1), o genitivo se move primeiro para [Spec, FP] e, em seguida, o DP é movido, sem problemas de constituência, uma vez que a projeção DP é um objeto visível para a computação sintática.

A fim de desenvolvermos nossa proposta, organizamos o artigo da seguinte maneira: na seção 2, discutimos a possibilidade de considerarmos as construções genitivas no PB como adjuntos, sendo, portanto, licenciados dentro do DP como tais e, mais ainda, sendo licenciados de acordo com a proposta de adjunção sem rótulos (HORNSTEIN e NUNES, 2006, 2008), conforme adotada para o estudo de genitivos do PB apresentado em Avelar (2006). Essa proposta de genitivos como adjuntos, no entanto, é repensada na seção 3, ao assumirmos que o licenciamento de genitivos como especificadores seria mais coerente para abarcar propriedades morfossintáticas que essas construções apresentam nas línguas naturais. Na sequência, na seção 4, discutimos a natureza da projeção FP, como a projeção mais proeminente do DP, e de que maneira a sua postulação para as construções nominais do PB permite acomodar os casos de extração de constituintes aqui discutido. Em seguida, nossas considerações finais são apresentadas.

2 Genitivos como adjuntos

Numa abordagem como a desenvolvida em Grimshaw (1990), sobre a natureza da estrutura argumental de nomes, os casos de sintagmas nominais com construções de múltiplos genitivos, aquelas construções em que além do genitivo com interpretação de *tema*, aparecem também os genitivos com leitura de *possuidor* ou *agente*, são casos em que o núcleo nominal não projeta uma estrutura argumental, e, dessa forma, todos os sintagmas genitivos que aparecem nesse tipo de construção apresentam *status*/propriedades sintático-semânticas de adjunto e não de argumentos.

Grimshaw (1990) verificou que apenas quando um nome apresenta uma leitura eventiva (mais precisamente uma leitura de “evento complexo”, nos termos da autora), ele torna obrigatória a presença de um complemento, fato que evidencia que apenas esse tipo de nome licencia verdadeiros argumentos.

Uma das propriedades de um nome com leitura eventiva é o fato de que quando licencia um *agente*, este é realizado na forma de um *by-phrase*, mas não na forma genitiva¹.

Uma vez que em construções de múltiplos genitivos o *agente* é realizado na forma genitiva, os genitivos, nesse tipo de construção, seguindo a proposta de Grimshaw (1990), são mais modificadores do que argumentos.

A possibilidade de realizar os genitivos com uma cópula é também uma evidência empírica em favor do tratamento desses genitivos como adjuntos (GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, HAEGEMAN & STAVROU, 2007). (5) são exemplos do inglês e (6), exemplos do PB:

- (5) a. The book of John / The book is of John
b. The book of Chomsky / The book is of Chomsky
c. The book of syntax / The book is of syntax
- (6) a. O livro do João/ O livro é do João
b. O livro do Chomsky/O livro é do Chomsky
c. A foto daquela modelo/ A foto é daquela modelo

Note-se que um verdadeiro argumento, nos termos de Grimshaw, não pode ser um predicado:

- (7) The destruction of the city / *The destruction is of the city
- (8) A destruição da cidade/ *A destruição é da cidade

Os mesmos contrastes encontrados no inglês são encontrados no PB, conforme os exemplos (7) e (8) mostram. Observe que, excetuando-se o genitivo *tema*, realizado com um nominal do tipo *destruição*, de natureza eventiva, os demais genitivos, realizados com nomes do tipo *livro* e *foto* podem funcionar como predicados, similar ao que ocorre com casos de adjetivos, os quais são tradicionalmente tratados como adjuntos, como ilustra (9):

- (9) O livro velho/ O livro é velho

¹ Isso pode ser observado no PB a partir do contraste em *A destruição da cidade [by-phrase pelos bárbaros]/*A destruição da cidade [agente dos bárbaros]*, em que *destruição* é um exemplo de nome com leitura eventiva.

Uma outra evidência em favor do tratamento de genitivos como adjuntos é o fato de que eles não apresentam, contrariamente aos verdadeiros argumentos, uma interpretação semântica específica. Em (10a), o complemento *da cidade* apresenta uma relação temática específica com o núcleo nominal e só pode ser interpretado como o *tema*, enquanto que em (10b), *do João* pode ter pelo menos três possibilidades de interpretação, ou como *tema*, ou como *agente* ou como *possuidor*:

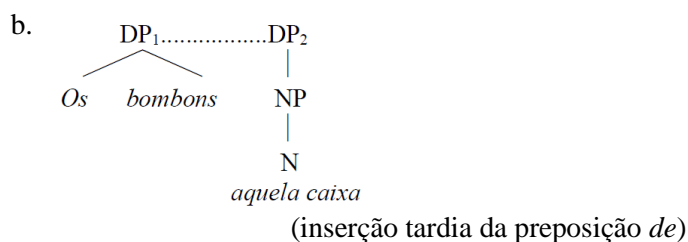
- (10) a. A destruição da cidade
b. O livro do João

Com base nas propriedades acima destacadas, para as construções de múltiplos genitivos, vamos supor que tais construções sejam casos de construções com múltiplos adjuntos. Assim, uma construção como (11), com um núcleo nominal não-eventivo, apresentaria três adjuntos conforme sinalizado entre colchetes.

- (11) O quadro [ADJUNTO dos girassóis] [ADJUNTO de Picasso] [ADJUNTO daquele museu]

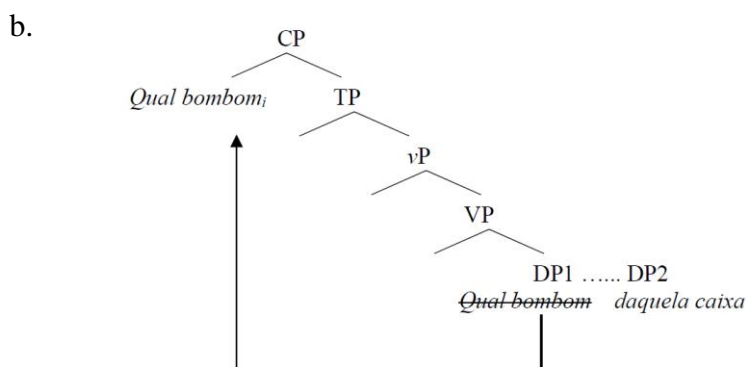
Um caminho para capturar as possibilidades de extração desses genitivos seria assumir uma abordagem como aquela desenvolvida em Avelar (2006). De acordo com a proposta de Avelar, PPs adjuntos de nomes introduzidos pela preposição *de* no PB são manipulados na sintaxe como verdadeiros DPs, com inserção tardia da preposição *de*. O autor assume que a adjunção ao DP não precisa ser rotulada, seguindo a proposta de adjunção sem rotulação obrigatória, apresentada em Hornstein & Nunes (2006). A extração observada, no PB, de adjuntos adnominais, na forma de *de-phrases*, se dá no caso em que esses adjuntos são rotulados à estrutura, tornando-se visíveis para operações de movimento. Vejamos o exemplo em (12), retirado de Avelar (2006):

- (12) a. Os bombons daquela caixa



Para uma estrutura como (12b), o verbo da sentença seleciona DP₁ e nenhuma barreira, a princípio, impede o movimento do DP₁ ou do DP₂ para a periferia da sentença, quando necessário. (13) ilustra um caso de movimento do DP₁.

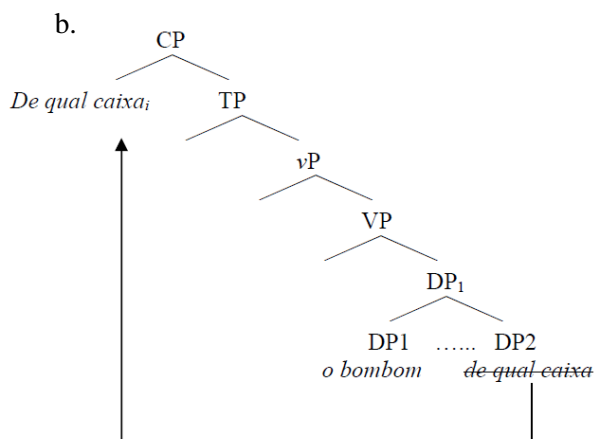
- (13) a. *Qual bombom* a criança comeu ~~*qual bombom*~~ daquela caixa?



Uma vez que o DP₂, adjunto, em (13), foi apenas concatenado, não rotulado, a extração do DP₁ não viola constituência.

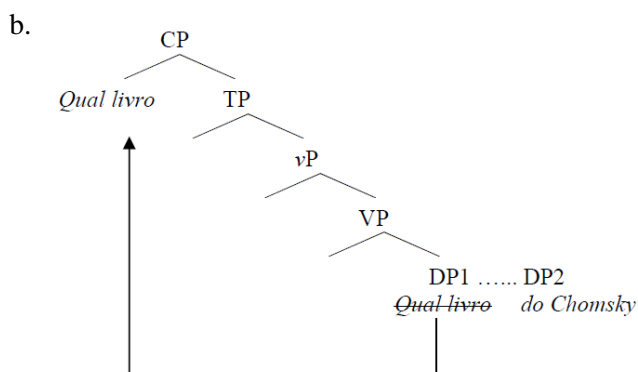
(14) ilustra o caso em que o genitivo adjunto, o DP₂, é extraído. Note-se que, para ser extraído, a rotulação entre DP₁ e DP₂ tem de ser estabelecida, para que DP₂ esteja visível à operação *Mover* do sistema computacional.

- (14) a. *De qual caixa a criança comeu o bombom ~~de qual caixa~~?*



Suponhamos, agora, que para nosso exemplo apresentado na introdução e repetido aqui em (15a), assumamos uma estrutura como (15b), tomando os genitivos como adjuntos e assumindo a proposta de adjunção sem rotulação obrigatória:

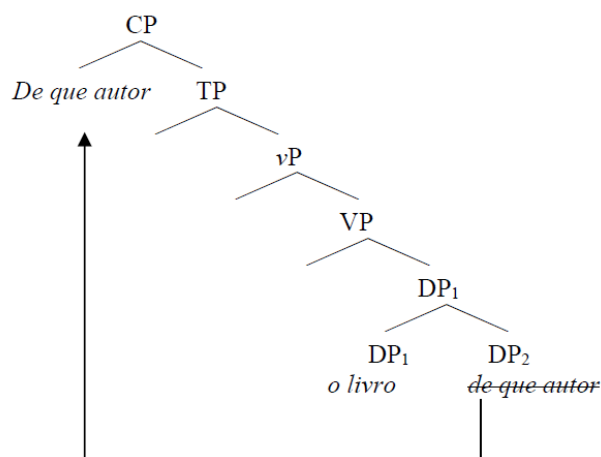
- (15) a. *Qual livro (que) você leu do Chomsky?*



Note-se que um movimento como em (15b) não viola constituência. Para os casos em que DP₂ é extraído, podemos pensar que houve rotulação e, uma vez que tal genitivo está na periferia do DP, ele pode ser movido, como mostra (16b).

- (16) a. *De que autor você leu o livro ~~de que autor~~?*

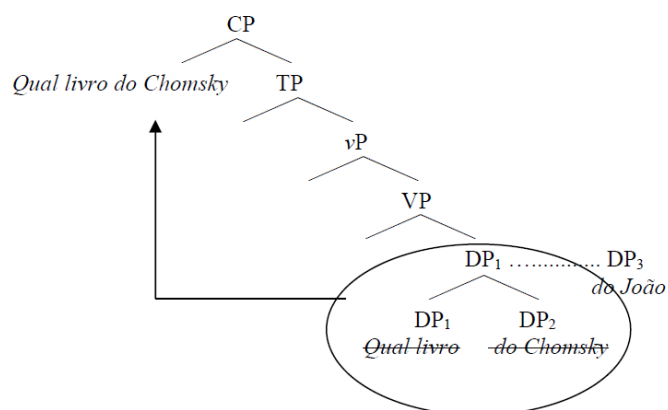
b.



Essa abordagem também permite extrações como a apresentada em (17b), a seguir:

(17) a. *Qual livro do Chomsky a Maria rasgou qual livro do Chomsky, do João?*

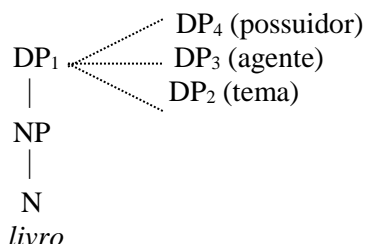
b.



(17a) é uma construção com mais de um argumento genitivo (*do Chomsky* e *do João*) e, como podemos verificar em (17b), a proposta de adjunção para genitivos, nos termos de adjunção sem rotulação obrigatória, poderia acomodar o fenômeno de extração também quando mais de um genitivo é licenciado. Contudo, algo mais precisa ser dito.

Conforme observado para algumas línguas como o espanhol (TICIO, 2003), o italiano (GIORGI e LONGOBARDI, 1991) e o francês (VALOIS, 1996), em construções com múltiplos genitivos, o padrão de extração segue a hierarquia *possuidor*>*agente*>*tema*: apenas o mais proeminente na estrutura pode ser extraído para fora do domínio nominal. Numa abordagem em que esses genitivos sejam tratados como adjuntos e a adjunção é dada sem rotulação obrigatória, parece que, em termos estruturais, nada impede a extração de qualquer dos genitivos. Vejamos a configuração de (18):

(18)



(18) ilustra a possibilidade de adjunção dos genitivos à projeção do DP (com base na assunção de Avelar de que em PB, todos os adjuntos adnominais introduzidos por *de* são adjungidos à projeção DP). Nesse caso, nenhuma ordem é obtida entre os genitivos e a rotulação poderia se dar entre DP₁ e qualquer um dos DPs adjungidos a ele. Se este for o caso, precisaríamos dizer algo mais sobre como a gramática opera com um objeto na forma apresentada em (18), a fim de explicar por que apenas o genitivo com interpretação de *possuidor* pode ser extraído, bloqueando a extração dos demais, como ocorre, por exemplo, no espanhol², em construções com múltiplos genitivos.

Por este motivo e, principalmente por razões a que passaremos a discutir na próxima seção, o tratamento para as construções genitivas, como se fossem licenciadas como adjuntos, será dispensado em nossa análise. Assim, a seguir, apresentamos a proposta de que os sintagmas genitivos são gerados em posição de Spec de categorias internas ao sintagma nominal, mostrando que os exemplos de extração que parecem uma violação de constituição podem ser acomodados numa abordagem em que FP é projetada.

² No espanhol, os seguintes exemplos retirados de Ticio (2003) exemplificam essa restrição:

(i) a. *¿[De quién_{agente}] has leído [varios libros t_{agente} [de Juan_{possuidor}]]?

‘De quem você leu vários livros do João?’

b. ¿[De quién_{agente}] has leído [varios libros t_{agente}]?

‘De quem você leu vários livros?’

Para explicar a agramaticalidade de (ia), a autora assume que a projeção que hospeda o genitivo possuidor é mais proeminente que a projeção que hospeda o genitivo agente, funcionando como barreira para a extração deste último. Quando o possuidor não está projetado na estrutura (ib), a extração do agente resulta numa sentença gramatical do espanhol. O mesmo tipo de restrição parece ser aplicar para o francês, conforme observado em Valois (1996):

(ii) a. *La ville (theme) dont nous désapprouvons [DP l’invasion des bosniaques (agent)]

‘a vila da qual desaprovamos a invasão dos bosnianos’

b. *De qui avez-vous (agent) donné [DP le portrait de ce collectionneur (possessor)] au musée des Beaux-Arts?

‘De quem você doou o retrato desse colecionador ao Museu de Belas Artes’

(VALOIS, 1996, p. 369, ex. (54))

O exemplo acima mostra que no francês um genitivo *tema* não pode ser extraído quando um genitivo *agente* é realizado (iia) e, da mesma forma, a extração do genitivo *agente*, é bloqueada em (iib) pela presença do *possuidor*. No PB, um genitivo mais alto na estrutura parece também bloquear a extração de um genitivo mais interno no DP, como sugerem os contrastes em (iii):

(iii) a. [_{possuidor} De quem] o João rasgou a foto/as duas fotos [_{tema} do Superman]?

a’. * [_{tema} De quem] o João rasgou a foto/as duas fotos [_{possuidor} da Maria]?

b. [_{agente} De que fotógrafo] o João rasgou a foto/as duas fotos [_{tema} de um artista famoso]?

b’. * [_{tema} De que artista famoso] o João rasgou a foto/as duas fotos daquele fotógrafo?

3 Genitivos como especificadores

Vimos na seção anterior que os genitivos com interpretação de *agente* e *possuidor* apresentam propriedades semânticas semelhantes a de adjuntos e não de verdadeiros argumentos do nome. Duas propriedades foram apontadas: a primeira delas foi a possibilidade de realizar os genitivos com uma cópula e a segunda foi o fato de que elas não apresentam, contrariamente aos verdadeiros argumentos, uma interpretação semântica específica.

Essas propriedades, no entanto, podem ser tomadas como reflexo das propriedades do domínio em que cada genitivo é gerado, e não reflexo do fato de que tais genitivos seriam projetados como adjuntos dentro da construção nominal. Assim sendo, o argumento em favor da projeção de genitivos em configuração de adjunção se empobrece.

O fato de que apenas “verdadeiros argumentos” de N, objetos de nomes como *destruição*, por exemplo, seguindo a análise de Grimshaw (1990), apresentam uma interpretação semântica delineada, pode ser capturado assumindo-se que apenas este é projetado dentro do domínio temático do DP, daí a semântica mais delineada deste constituinte. Por sua vez, a interpretação semântica menos delineada para outros genitivos pode ser capturada assumindo que estes são licenciados fora do domínio temático, gerados no domínio de concordância do DP.

A proposta de que apenas o argumento verdadeiro é gerado dentro do domínio temático da construção nominal segue a idéia desenvolvida em Grimshaw (1990) de que apenas nomes de evento/processo projetam uma estrutura argumental licenciando argumentos gramaticais. Assim, como argumento verdadeiro de N, o objeto de um nome com estrutura argumental é licenciado dentro do domínio temático da construção nominal (no domínio mínimo de N) onde recebe seu papel-temático.

Nomes não-eventivos não projetam estrutura argumental e os genitivos que são licenciados com esse tipo de nome, não compõem, portanto, sua estrutura argumental. Esses genitivos são licenciados em termos de papel-temático de forma indireta em relação ao núcleo nominal, sendo projetados no domínio de concordância da construção nominal.

Já no tocante à possibilidade de servirem como predicados em construções de cópula, gostaríamos de sugerir que essa propriedade está relacionada mais com a natureza eventiva do núcleo nominal, do que com a natureza de adjunto do sintagma genitivo. Note-se que não é apenas um verdadeiro argumento que não pode ser utilizado em construção de cópula, como mostra (19), mas todo o DP com o núcleo nominal eventivo:

- (19) a. *Aquele destruição é de Roma.
b. *Aquele é a destruição de Roma.

- (20) a. Aquele livro é do Chomsky.
b. Aquele é o livro do Chomsky.

O contraste entre (19) e (20) sugere que a possibilidade de predicação em construção de cópula parece estar relacionada mais à natureza eventiva do núcleo nominal do que com o tipo de construção genitiva. Enquanto que nomes de natureza eventiva não permitem construções com cópula dos tipos apresentados em (19), nomes de natureza não-eventiva o permitem.

Com base nisso, passemos agora a propriedades que sugerem que os genitivos em construções de múltiplos genitivos são licenciados diferentemente de verdadeiros adjuntos.

Numa perspectiva comparativa, uma característica interessante apresentada por sintagmas genitivos é que, contrariamente a “adjuntos puros” (URIAGEREKA, 2001), tais construções apresentam marcas de Caso: genitivo em inglês, alemão e grego, por exemplo; dativo ou nominativo em húngaro; dativo em alemão; etc (cf. ALEXIADOU, HAEGEMAN & STAVROU, 2007, p. 549). Se associamos marcas de Caso a argumentos, da mesma forma em que sujeito e objeto, argumentos do verbo, apresentam tais marcas em línguas de morfologia visível para Caso, então, o fato de que os genitivos *possuidor*, *agente* e *tema* apresentam marcas de Caso pode ser uma evidência de que tais construções sejam licenciadas em especificadores, ou, pelo menos, constitui uma propriedade que diferencia verdadeiros adjuntos de sintagmas genitivos.

As construções genitivas também podem ser diferenciadas de “adjuntos puros” no que tange à propriedade de concordância que essas construções apresentam com o núcleo nominal que modificam. Em línguas como o húngaro, por exemplo, o padrão de concordância que um genitivo pronominal apresenta com o núcleo nominal é muito similar ao padrão de concordância entre o sujeito e núcleo de flexão no domínio da sentença, como observam Alexiadou, Haegeman & Stavrou (2007):

- (21) a. (én) szeret-0-em
1SG love-PRES-1SG
- b. János szeret-0-0
János love-PRES-3SG
- c. a(z) (én) haz-a-0-m
the 1SG house-POSS-SG-1SG
- d. a János haz-a-0-0
the János house-POSS-SG-3SG

(HERTZ, 2003, p. 142, ex. (3) *apud* ALEXIADOU, HAEGEMAN & STAVROU, 2007, p. 557, ex. (17))

Outra propriedade diz respeito ao fato de que, em línguas como o inglês, as construções genitivas podem ocupar a mesma posição que um verdadeiro complemento do nome. A posição [Spec, DP], no inglês, pode tanto alojar um verdadeiro argumento, como em (22a), ou um genitivo *possuidor/agente*, como mostra (22b), mas não um típico adjunto (22c):

- (22) a. Rome’s destruction (the destruction of Rome)
‘A destruição de Roma’
- b. John’s car (the car of John)
‘O carro de João’
- c. *Chocolate’s cake (cake of chocolate)

Assim, uma abordagem que trate o genitivo em (22b) como um adjunto e o genitivo em (22a) como um complemento, carece de uma explicação para o fato de que ambos possam ser realizados numa mesma posição, contrariamente do que ocorre com o típico adjunto em (22c).

Ainda em relação a uma língua como o inglês, como capturar o fato de que o genitivo em posição pré-nominal está em distribuição complementar com o determinante, como mostra (23), se assumíssemos que o genitivo é realizado como adjunto do DP?

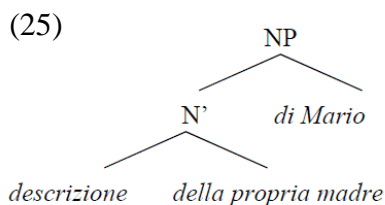
(23) a. (*the) John's car

Outra propriedade interessante das construções genitivas é que elas podem entrar em relação de ligação. Observando (24) abaixo, construção do italiano com dois genitivos, Giorgi (1991) pontuou que o sintagma *di Mario* só pode ser interpretado como o *agente* (o responsável pela descrição) e *della propria madre*, que contém a anáfora *propria*, só pode ser interpretado como o *tema* (o alvo da descrição).

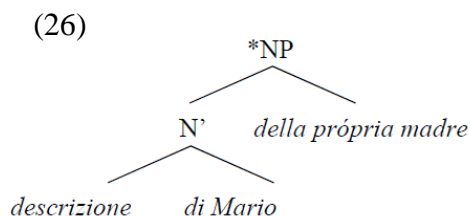
(24) a. La descrizione di Mario_i della propria_i madre
 'A descrição de Mario da própria mãe'

(GIORGI, 1991, p. 30, exemplo (16))

Como de acordo com a Teoria de Ligação (cf. CHOMSKY, 1981) uma anáfora deve estar ligada e, para tal, ser c-comandada por seu antecedente/referente, uma saída óbvia para representar a estrutura em (24), do italiano, seria uma configuração em que *di Mario* é gerado em posição acima de *della propria madre*, posição a partir da qual *Mario* c-comanda a anáfora *própria*, como ilustrado em (25)³:



A impossibilidade de em (25) o sintagma *della propria madre* ser interpretado como *agente*, e *di Mario* ser interpretado como *tema* decorre do fato de que para tal interpretação *della propria madre* teria de ser gerado acima do genitivo *di Mario* e, assim, a anáfora *propria* não poderia ser ligada por *Mario*, como ilustrado em (26):



³ É crucial assumir aqui o caráter funcional da preposição que em termos sintáticos parece ter um papel completamente nulo, seguindo análises gerais como as de Chomsky (1986), Giorgi & Longobardi (1991), Valois (1996), Ticio (2003), Avelar (2006), entre muitos outros trabalhos. O caráter nulo da preposição *de*, pelo menos quando introduz genitivos em PB, reflete o fato de que esta preposição não interfere em relações de c-comando.

Num exemplo do PB equivalente ao do italiano em (24), como dado em (27), encontramos o mesmo padrão de leitura:

(27) A descrição de João da própria mãe (para os colegas)

Em (27), *João* é interpretado como o *agente*, enquanto que *da própria mãe* é interpretado como *tema*. Para essa construção, uma leitura em que a mãe do João fez uma descrição dele não é permitida. Note-se que, seja qual for a derivação proposta para dar conta de (27), temos de garantir que a anáfora *própria* seja gerada numa posição a partir da qual esteja ligada por *Mário*, ou seja, *Mário* tem de c-comandar a anáfora *própria*.

Dessa forma, se a interpretação dos dados é correta, construções genitivas no PB podem ser antecedentes para reflexivos dentro do sintagma nominal. A ligação entre um genitivo *possuidor* ou *agente* e o genitivo *tema* é semelhante àquela estabelecida pelo sujeito da sentença que pode ligar o objeto. Dessa forma, se os genitivos *possuidor* e *agente* são gerados em posição de Spec, como propomos aqui, a ligação do genitivo *tema* pode ser obtida.

Centrado agora mais precisamente nos dados do PB, uma evidência interessante é fornecida a partir da extração de ilhas fracas. Como (27), a seguir, mostra, no PB, a clássica assimetria entre a extração de argumentos e adjuntos a partir de ilhas fracas é obtida. De acordo com o que foi observado na literatura sobre esse fenômeno, a extração de um argumento, a partir de uma ilha fraca, é melhor que a extração de um adjunto, como mostrado a seguir.

- (27) a. *Com quem* você não acha que o João falou ~~com quem~~?
b. **Como* você não acha que o João falou com a Maria ~~como~~?

(27) são casos de extração a partir de contextos de ilhas fracas, mais precisamente, ilhas de negação. Enquanto que, em (27a), a extração do argumento que está na sentença encaixada para o início da sentença matriz resulta numa construção aceitável no PB, a extração do adjunto da sentença encaixada para a periferia esquerda da sentença matriz em (27b) é agramatical.

Interessantemente, o resultado da extração de construções genitivas em contextos de ilhas fracas é semelhante ao resultado obtido com a extração de argumentos, como mostra (28):

- (28) a. *De que pessoa/De que autor* você não acha que o João rasgou o livro ~~De que pessoa/De que autor~~?
b. *De qual medicamento* você não acha que o governo proibiu a venda ~~de qual medicamento~~?

Comparando os dados de (27) com os dados de (28), vemos que o comportamento sintático de construções genitivas, em relação ao fenômeno da extração a partir de contexto de ilha fraca, difere do padrão encontrado para verdadeiros adjuntos e se assemelha ao comportamento de extração para argumentos.

Em suma, as propriedades observadas nesta seção parecem desfavorecer o tratamento das construções genitivas como construções adjuntas. Além disso, vimos também que a adoção de uma teoria como a apresentada em Avelar (2006) para os casos de extração de adjuntos adnominais introduzidos por *de*, não se apresenta adequada para o tratamento das construções com múltiplos genitivos. Se as construções com múltiplos

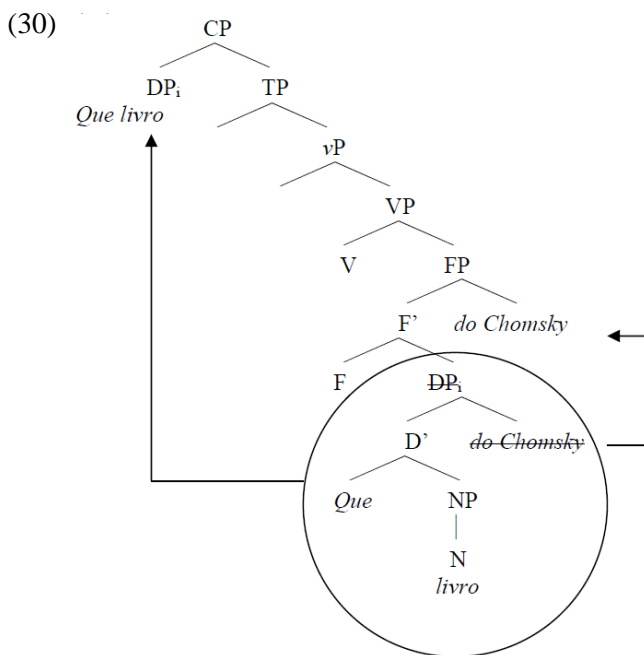
genitivos fossem tratadas como casos de múltiplos adjuntos, algo mais teria de ser dito sobre o funcionamento da gramática, no que diz respeito à forma como esses adjuntos seriam organizados na estrutura, a fim de acomodarmos, por exemplo, o padrão de extração verificado nas línguas naturais.

4 A projeção FP nas construções nominais

Descartando o tratamento de adjunto para as construções de múltiplos genitivos, e, assim, descartando uma proposta de adjunção sem rótulos para tais construções, passemos, a seguir, a um outro viés pelo qual poderíamos manter nossa análise sem a postulação de uma projeção FP: a proposta de extraposição do genitivo.

Como colocamos na introdução, a derivação para a construção em (29), de acordo com a proposta aqui delineada, é apresentada em (30):

(29) Qual livro (que) você leu do Chomsky?



Como mostra (30), o genitivo é alçado para a posição [Spec, FP] e, em seguida, o DP é alçado para a periferia esquerda da sentença, resultando em construções como em (29).

Uma análise de movimento do material que “sobra”, após o movimento do PP genitivo, é apresentada para o PB em Bastos (2006), mas de forma diferente da aqui proposta.

A autora argumenta a favor de uma extraposição do PP que pode se dar à direita ou à esquerda da construção nominal, de forma que as ordens de constituintes apresentadas em (31) sejam ordens previstas no PB:

- (31) a. O João riscou de Van Gogh quantas pinturas?
 b. O João riscou quantas pinturas de Van Gogh?

(BASTOS, 2006, p. 14, ex. (52))

De acordo com a autora, as ordens (31a) e (31b) são resultados de extraposição do PP, como mostra (29a) e (29b):

- (32) a. [CP ... [V PP [DP WH N *t*_{PP}]]
b. [CP ... [V [DP WH N *t*_{PP}] PP]

De acordo com (32), o PP sai da construção nominal, num movimento ou à direita (32a), ou à esquerda (32b). Para mostrar que em (32b) o PP *de Van Gogh* não está *in situ*, Bastos apresenta dados em que um advérbio como *ontem* pode aparecer entre *quantas pinturas* e *de Van Gogh*, como em (33):

- (33) O João riscou quantas pinturas ontem de Van Gogh?

A presença do advérbio, em (33), indica que houve movimento do objeto para uma posição acima de VP. Contudo, temos de assumir que esse movimento foi precedido por um movimento do PP *de Van Gogh*, permitindo que o material remanescente dentro do DP (*quantas pinturas*) fosse posteriormente movido, assim, sem violação de constituição.

Da mesma forma, o advérbio *ontem* aparece em posição similar para a ordem de (32a), caso em que, na proposta de Bastos, corresponde à extraposição do PP à direita.

- (34) O João riscou de Van Gogh ontem quantas pinturas?

O fenômeno de extraposição à direita do PP, como propõe Bastos para (34), remete ao modelo da teoria gerativa padrão (ROSS, 1967; ROSENBAUM, 1967; CHOMSKY, 1977), em que exemplos do inglês, como em (35b), eram tidos como resultados de regras transformacionais aplicadas pela gramática, as quais moviam o PP para o final da sentença.

- (35) a. A review of this article came out yesterday.
'Uma resenha desse artigo apareceu ontem'
b. A review came out yesterday of this article.
'Uma resenha apareceu ontem desse artigo'
(ROSS, 1986, p. 176, ex. (5.45))

Com o advento da proposta de Kayne (1994), na qual o fenômeno de adjunção à direita é banido da gramática (ver também ZUART (1992) *apud* BÜRING & HARTMANN (1995), FUKUI & TAKANO (1998)), o fenômeno da extraposição tem sido reinterpretado sob formas alternativas que descartam a possibilidade de movimento à direita (ver, por exemplo, KASAI (2008) e trabalhos ali citados).

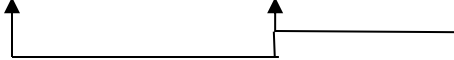
Seguindo a intuição desses trabalhos, descartamos um movimento como em (32b), como proposto por Bastos para o PB, e argumentamos que os casos de aparente extraposição do PP são casos em que este constituinte se encontra na posição [Spec, FP].

Assim, reinterpretando os dados apresentados em Bastos, repetidos aqui em (36), a derivação se dá como ilustrado em (37). (37a) é a derivação de (36a) e (37b) é a derivação de (36b).

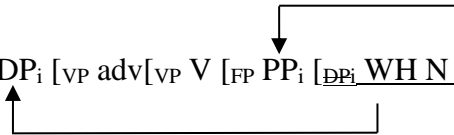
- (36) a. O João riscou de Van Gogh (ontem) quantas pinturas?

b. O João riscou quantas pinturas (ontem) de Van Gogh?

(37) a. [CP ... [ZP PP_i [VP adv[VP V [FP PP [DP WH N PP_i]]]]]]



b. [CP ... [ZP DP_i [VP adv[VP V [FP PP_i [DP_i WH N PP_i]]]]]]



Para a derivação de (36a), uma vez que o genitivo *de Van Gogh* é alçado para a periferia da construção nominal, para a posição [Spec, FP], ele é em seguida alçado para uma posição mais alta na estrutura e, assim, casos em que um advérbio como *ontem* aparece entre *Van Gogh* e *quantas pinturas* são resultantes de uma configuração como (37a). Por sua vez, em (36b) o genitivo é primeiramente alçado para [Spec, FP], lá permanecendo, e o DP remanescente é alçado para uma posição acima de VP.

Com a postulação de uma projeção como FP, no topo da construção nominal, nossa análise permite acomodar os dados do PB de aparentes casos de extraposição do PP, sem, contudo, propor um deslocamento à direita. Dessa forma, a análise aqui proposta torna desnecessária a postulação de operações de adjunção à direita pela gramática e se adéqua a uma teoria de gramática como a proposta em Kayne (1994).

Para a existência de uma projeção acima de DP, tal como estamos assumindo aqui, Grohmann (2003) argumenta que essa é a projeção que hospeda sintagmas possuidores topicalizados, dentro de construções nominais, em línguas como o holandês, o flamengo do oeste e certos dialetos do norueguês (projeção denominada TopP, pelo autor).

De acordo com o autor, o deslocamento dos possessivos dentro da construção nominal, nessas línguas, apresenta similaridades entre a construção nominal e o domínio da sentença, fato que favorece um paralelismo entre o domínio da sentença e o domínio nominal. Se o domínio da sentença parece projetar uma categoria como TopP, como propõe Rizzi (1997), para hospedar constituintes topicalizados, não seria uma surpresa se no domínio do DP, que apresenta uma arquitetura semelhante à da sentença, a categoria Top fosse projetada. De fato, Grohmann mostra convincentemente que no holandês e no flamengo do oeste o tipo de topicalização encontrado no domínio nominal apresenta os mesmos efeitos de “anti-localidade” observados em construções de topicalização no domínio da sentença⁴.

A análise de Grohmann é centrada em construções de duplicação do possessivo prenominal em línguas germânicas, observando de que forma sua teoria de anti-localidade se aplica. Em termos descritivos, como observa o autor, uma construção com duplicação do possuidor é uma expressão nominal complexa que contém um sintagma possuidor, um

⁴ Em linhas gerais, a proposta de *anti-localidade* proposta em Grohmann (2003) consiste na restrição da gramática que impediria movimento de constituintes dentro de um mesmo domínio prolífico da sentença. Nos casos em que isso ocorresse, haveria efeitos drásticos na interface fonética, como o não apagamento de cópia. O autor assume a estrutura da sentença em três domínios prolíficos: o domínio temático, constituído por VP e vP; o domínio da concordância, constituídos pelas categorias responsáveis pelas relações de concordância na sentença; o domínio discursivo, constituído por CP e outras categorias acima dessa projeção.

pronome possessivo prenominal (que corresponde à duplicação do possuidor) e o núcleo nominal em si, NP, que representa o possuído. Grohmann oferece uma estrutura como (38) para tais construções:

- (38) [DP POSS PRON NP] (GROHMANN, 2003, p. 202, ex. (8))

Exemplos dessas construções são dados em (39) a (41):

- (39) [meiner Cousine aus Griechenland] ihre Show
My cousin from Greece her show (holandês)
- (40) [men zuster ut Gent] euren boek
My sister from Ghent her book (West Flemish)
- (41) vår kollega fra Tromsø] sine vurderinger
Our colleague from Tromsø REFL judgements (Norueguês)
- (GROHMANN, 2003, p. 205-206, ex. (15a), (16a) e (17a))

Conforme os dados de (39) a (41) mostram, a relação entre o possuidor e o pronome possessivo pode ser assumida como uma relação de resumpção. O pronome “copia” o DP possuidor à esquerda na construção nominal. De acordo com Grohmann, o fenômeno da duplicação observado nessas línguas se dá devido à atuação do efeito de “anti-localidade”, que, como efeito drástico na interface fonética da gramática, faz com que ambas as cópias (possuidor e pronome possessivo) sejam foneticamente realizadas. Esse efeito é obtido, porque o possuidor realiza um movimento dentro do limite do domínio de concordância do DP (movimento interno a um mesmo domínio prolífico).

Línguas como o holandês e o flamengo do oeste, além de apresentarem o fenômeno de duplicação do possuidor, também permitem que tal constituinte seja deslocado para a periferia esquerda da construção nominal. Esse fenômeno é ilustrado a seguir⁵:

- (42) Verhofstadt den dienen zen fouten
Verhofstadt RP his mistakes
‘Verhofstadt’s mistakes’ (flamengo do oeste)
- (43) (der) Merkel der ihre Fresse
the.DAT Merkel RP her mug
‘Merkel’s mug’ (holandês)
- (GROHMANN, 2003, p. 216, ex. (50) e (51))

A derivação de (42) e (43) é ilustrada em (44):

- (44) [TOP POSS Top° [DP POSS → RP D° [AgrP POSS Agr° [PossP POSS → PRON Poss° [NP ...]]]]]

⁵ RP é usado em Grohmann (2003) para indicar o pronome resumptivo

O movimento que POSS realiza dentro do mesmo domínio de concordância, da posição de [Spec, PossP] para [Spec, AgrP] faz com que a cópia em [Spec, PossP] seja pronunciada na forma pronominal *zen*, como em (42). Da mesma forma, dentro do domínio discursivo, o movimento seguido que POSS realiza da posição [Spec, DP]⁶ para [Spec, TopP], faz com que a cópia em [Spec, DP] seja pronunciada na forma do resumptivo, *den dienen* em (42). A cópia mais alta de POSS corresponde a *Verhofstadt*.

A postulação de uma projeção como TopP no topo da construção nominal permite Grohmann acomodar os casos de deslocamento à esquerda do possessivo, bem como explicar o fenômeno da duplicação que ocorre com a presença de um resumptivo, atrelada a sua teoria de *anti-localidade*.

De forma similar à proposta de Grohmann (2003), Giusti (1996) propõe que o fenômeno da duplicação do possessivo em línguas germânicas pode ser comparado ao fenômeno de deslocamento à esquerda do clítico, em línguas românicas, sugerindo que, da mesma forma que um constituinte topicalizado ocupa a posição de TopP, no romance, o possuidor pronominal, em construções de duplicação de possessivo, ocupa a posição [Spec, TopP] (cf. HAEGEMAN, 2004, p. 229).

Outra evidência para a existência de uma projeção acima de DP provém da comparação entre contrastes de extração de DPs possessivos pronominais entre línguas germânicas, de um lado, que não permitem tal extração, e línguas como o húngaro e o grego moderno que a permitem.

Tanto línguas germânicas (45), quanto o húngaro (46), por exemplo, podem realizar um DP possessivo precedendo o artigo:

- (45) flamengo do oeste
 Da zyn Valère de zyne.
 That are Valère the his
 ‘Those are Valère’s.’

(HAEGEMAN (2004), p. 214, ex. (7))

- (46) húngaro
 Mari-nak a kalap-já
 Mari-DATIVO the hat-3SG
 ‘Mari’s hat’

(ALEXIADOU, HAEGEMAN & STAVROU 2007, p. 135, ex. (105))

A realização do possuidor precedendo o artigo, nos exemplos acima, sugere que tal constituinte seja gerado em [Spec, DP], como tem sido assumido, por exemplo, em Szalbocsi (1994). Apesar de em ambas as línguas, flamengo do oeste e húngaro, o possuidor ocupar a posição [Spec, DP], apenas nesta a última a extração do possuidor é possível:

- (47) húngaro
 Ki-nek_k ismer-té-tek [DP t_k a vendég-é-Ø-t]?
 Who-DAT know-PAST-2PL the guest-POSS-3SG-ACC
 ‘Whose guest did you know?’

(GRAVUSEVA (2000), p. 744, ex. (1c))

⁶ É imperativo pontuar que, na análise de Grohmann (2003), DP é uma categoria projetada no domínio discursivo da construção nominal. Assim sendo, o movimento de POSS de [Spec, DP] para [Spec, TopP], na análise do autor, se dá dentro de um mesmo domínio prolífico (o discursivo), daí o efeito de *output* observado em FF: a cópia de POSS em [Spec, DP] é pronunciada na forma de pronome resumptivo.

- (48) flamengo do oeste
 *Wiensen ee-j gie boek gelezen?
 Whose have-you you book read

(HAEGEMAN, 2004, p. 212, ex. (2c))

De acordo com a análise desenvolvida em Gravuseva (2000), a possibilidade de extração do possuidor está relacionada à disponibilidade do movimento deste constituinte para a posição [Spec, DP]. Ou seja, uma vez que o possuidor estiver em [Spec, DP] ele pode ser extraído para fora do domínio nominal. Essa proposta de Gravuseva (2000) captura a intuição por trás das análises que assumem que para ser movido para fora de um DP, um constituinte tem de se encontrar na margem da construção nominal (cf. GIORGI e LONGOBARDI, 1991). Se a análise da autora estiver correta e assumindo que o possuidor prenominal no flamengo do oeste se encontra em [Spec, DP], como o dado em (45) sugere, a impossibilidade de extração em (48) carece de explicação.

Haegeman (2004) parte da proposta de Gravuseva (2000) para argumentar a favor da existência de uma projeção acima de DP, uma posição de natureza A', para onde possuidores extraíveis são alçados.

Discutindo o contraste entre línguas que permitem a extração do possuidor e línguas que não a permitem, a autora observa que a possibilidade de extração de um possuidor está relacionada à posição periférica que este constituinte ocupa dentro da construção nominal. Assim, em línguas germânicas, que não permitem a extração do possuidor prenominal, este se encontra em [Spec, DP], posição não periférica da construção nominal, uma vez que há outra categoria projetada acima de DP.

Por outro lado, em línguas como o grego moderno e o húngaro, por exemplo, que permitem extração do possuidor prenominal, este é alçado para uma posição acima de [Spec, DP], posição a partir da qual pode ser extraído.

Os dados em (49) e (50), a seguir, ilustram o contraste entre esses dois tipos de línguas:

- (49) línguas germânicas
 [FP [DP possuidor_i [D' pronome_i [IP ... [NP]]]]

- (50) húngaro
 [FP possuidor [DP [D' az [IP ... [NP]]]]

(HAEGEMAN, 2004, p. 238, ex. (69)-(70))

A postulação de uma projeção acima de DP, representada por FP nos exemplos (49) e (50), permite acomodar o fato de que tanto em húngaro quanto em línguas germânicas existe a possibilidade de um possuidor ser realizado numa posição acima daquela onde o determinante é projetado, ao mesmo tempo em que permite capturar a assimetria de extração desse possuidor prenominal entre essas línguas: no húngaro, o possuidor se encontra na margem da construção nominal [Spec, FP], posição a partir da qual pode ser extraído (cf. (50)), enquanto que em línguas germânicas, o possuidor prenominal se encontra em numa posição mais interna [Spec, DP] não sendo possível a sua extração para fora do domínio nominal, FP funcionando como uma barreira.

Haegeman (2004) observa que os possuidores prenominais em línguas como o húngaro e o grego, que permitem sua extração, apresentam características de elementos projetados em posições A': em húngaro, o dativo prenominal ocupa a mesma posição para onde elementos wh dentro do nominal são movidos; em grego, o possessivo prenominal recebe uma leitura de foco. Já no caso de línguas germânicas, o possuidor

prenominal não recebe nenhuma leitura de foco ou de ênfase contrastiva, indicando que provavelmente ocupa posição distinta daquela ocupada por possuidores pronominais do húngaro e do grego.

Assim, a postulação de uma projeção acima de DP, como uma projeção cujo Spec se caracteriza como uma posição A', que acomoda elementos relacionados com leitura de foco, por exemplo, além de ser empiricamente motivada, dado o contraste observado entre húngaro e o holandês, por exemplo, do ponto de vista teórico permite explicar o fato de que apesar de o húngaro e o holandês apresentarem possuidores pronominais, apenas em húngaro a extração é possível, tendo em vista que o possuidor pronominal ocupa posições distintas nessas línguas. Ainda, a projeção de uma posição A' dentro do domínio nominal para hospedar possíveis constituintes focalizados, por exemplo, como parece ser o caso do grego, é um resultado desejável, uma vez que assumimos que a estrutura do DP é paralela à estrutura da sentença.

Voltemos ao caso particular do PB. Na proposta aqui delineada, nos casos em que o nome modificado é movido, deixando a construção genitiva para trás, como em (51b), a seguir, houve um prévio movimento do genitivo para [Spec, FP], seguido do movimento do nome modificado para uma posição acima de VP. Disso decorre que, apesar de, em termos de realização, o genitivo em (51a) e em (51b) parecerem estar numa mesma posição, apenas em (51a) ele estaria na posição em que foi gerado.

- (51) a. A Maria leu o livro do Chomsky.
b. A Maria leu o livro ontem do Chomsky.

Diferenças de leitura em relação a propriedades de foco sugerem que de fato *do Chomsky*, em (51a), está numa posição diferente da que aparece em (51b), validando nossa proposta de movimento do genitivo para [Spec, FP], no caso de (51b). Em ambos os exemplos, o genitivo (*do Chomsky*) é o último elemento à direita na sentença. Conforme os dados em (52) mostram, em (52a), mas não em (52b), o genitivo pode receber leitura de foco:

- (52) Pergunta: De que autor a Maria leu o livro ontem?
R1: A Maria leu o livro do Chomsky (ontem).
R2: *A Maria leu o livro ontem do Chomsky.

Em línguas como o português, a posição natural para a ocorrência de um constituinte focalizado é a posição mais encaixada na estrutura, a periferia direita da sentença (cf. MENUZZI, 2005; COSTA, 1998). Note-se que, apesar de, tanto em R1, quanto em R2, o genitivo ser realizado na posição da periferia direita da sentença, apenas em R1 esse constituinte pode receber leitura de foco, como mostra o contraste em (52). Esse contraste pode ser naturalmente capturado se atribuirmos a diferença de leitura a posições diferentes que o genitivo ocupa em cada uma delas. No caso de R1, o genitivo está na posição de base, em que foi gerado, posição mais encaixada na estrutura (complemento de V), podendo, assim, receber leitura de foco. Por outro lado, em R2, o genitivo foi movido para [Spec, FP], permitindo o posterior movimento de *o livro* e, nesse caso, a leitura de foco não está disponível. Se esta análise estiver correta, podemos pensar que o movimento do genitivo para [Spec, FP], em R2, se deve a uma “defocalização” do

genitivo⁷, nos termos em que Costa (1998) sugere para casos de *scrambling* do objeto no português.

5 Considerações finais

Com a discussão apresentada neste artigo, buscamos mostrar que a postulação de uma projeção funcional acima de DP é não só empiricamente adequada para dar conta do contraste de extração de elementos pronominais, verificado entre línguas como o húngaro e o holandês, por exemplo, como também nos permite acomodar o fato de que elementos licenciados em posição pré-determinante, em línguas como o grego, apresentem informações de caráter discursivo, mas não em línguas germânicas (cf. HAEGEMAN, 2004). Uma vez que os possuidores pré-determinantes, no húngaro e no grego, ocupem a posição A' de [Spec, FP], mas em línguas germânicas ocupem [Spec, DP], as propriedades contrastivas entre essas línguas são naturalmente acomodadas. Mais precisamente, em relação ao PB, a existência da projeção FP, acima de DP, nos permite acomodar propriedades sintáticas de deslocamento, verificadas em casos de movimento “parcial” da construção nominal, como o movimento do nome modificado em (51b).

Do ponto de vista teórico, a projeção de FP nos permite manter uma análise para a extração de PPs no PB lançando mão de apenas uma única restrição da gramática, a restrição de *Localidade*. Ainda, se uma teoria como a de Kayne (1994) é relevante para a gramática, nossa análise, que propõe o encaimento do genitivo em [Spec, FP], em vez de sua extraposição à direita, se torna mais adequada.

Com o estudo aqui apresentado, acreditamos que os pontos explorados possam servir para um campo de estudo que tem se mostrado bastante promissor na área dos estudos formais, que é o da cartografia da sintaxe. Mais especificamente, as questões aqui apresentadas podem contribuir para o estudo da cartografia das estruturas nominais do PB, algo ainda muito pouco explorado.

Referências bibliográficas

ALEXIADOU, A.; HAEGEMAN, L.; STAVROU, M. Noun Phrase in the generative perspective. *Studies in generative grammar*. 71. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

AVELAR, J. O. de. Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro. Campinas, 2006. Tese de doutorado, UNICAMP.

BASTOS, A. *Discontinuous wh-constituents in Brazilian Portuguese*. University of Connecticut/ Department of Linguistics. Ms. 2006.

⁷ Costa (1998) observa que em português europeu existe *scrambling* do objeto com vistas a uma “defocalização” desse constituinte quando um advérbio como *bem* é realizado depois do objeto. A abordagem adotada em Costa é baseada no trabalho de Cinque (1993) de acordo com o qual a leitura de foco recai sempre no constituinte mais encaixado na sentença. No nosso caso, sugerimos que a diferença entre R1 e R2 se deve à diferente posição que o genitivo ocupa na sentença.

- BÜRING, D.; HARTMANN, K. All right! In: LUTZ, U.; PAFEL, J. (eds.). *On extraction and extraposition in German*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. London: Praeger Publishers, 1986.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris publications, 1981.
- CHOMSKY, N. On wh movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (eds.). *Formal syntax*. New York: Academic Press, 1977. pp. 71-132.
- CINQUE, G. A Null Theory of Phrase and Compound Stress. *Linguistic Inquiry* 24, 239-297. 1993.
- COSTA, J. *Word order variation: a constraint based approach*. Haia: Holland Academic Graphics, 1998.
- FUKUI, N; TAKANO, Y. Symmetry in syntax: merge and demerge. *Journal of East Asian linguistics*. 7, pp. 27-86. 1998.
- GIORGI, A. & LONGOBARDI, G. *The syntax of noun phrases*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GIORGI, A. On NPs, θ -marking and c-command. In: GIORGI, A. & LONGOBARDI, G. *The syntax of noun phrases*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GIUSTI, G. Is there a TopP and a FocP in the noun phrase? *University of Venice working papers in linguistics*. 6 (1), pp. 105-128. 1996.
- GRAVUSEVA, E. On the syntax of possessor extraction. *Lingua*. n. 110, pp. 743-772. 2000.
- GRIMSHAW, J. *Argument structure*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1990.
- GROHMANN, K. *Prolific domains: on the anti-locality of movement dependencies*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- HAEGEMAN, L. DP-periphery and clausal periphery: possessor doubling in West Flemish. In: ADGER, D.; De CAT, C.; TSOULAS, G. *Peripheries: syntactic edges and their effects*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004. pp. 211-240.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J. Adjunction, labeling and bare phrase structure. *Biolinguistics*. 2.1., 57-86. 2008.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J. *Some thoughts on adjunction*. Ms. 2006.
- KASAI, H. Linearizing Rightward Movement. In: CHANG, C. B.; HAYNIE, H. J. (eds.). *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics.*, Somerville, MA: Cascadilla, 2008 pp. 315-323.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1994.

MENUZZI, S. Advérbios monossilábicos na periferia direita do PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia. 2005. Ms. IEL/UNICAMP.

RIZZI, L. The finite structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

ROSENBAUM, P. S. *The Grammar of English predicate complement constructions*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1967.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. 1967. Ph.D dissertation. MIT.

TICIO, M. E. *On the structure of DPs*. Connecticut, 2003. Doctoral dissertation, University of Connecticut.

URIAGEREKA, J. *Pure adjuncts*. Ms. University of Maryland, College Park, 2001.

VALOIS, D. On the structure of the French DP. *Canadian Journal of Linguistics*. 41, pp. 349-375. 1996.

ZWART, C.J-W. Dutch expletives and small clause predicate raising. In: BRODERICK, K. (ed.). *Proceedings of NELS 22*, Amherst, MA: University of Massachusetts, GLSA Publications, pp. 477-491. 1992.